



REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Entre o progresso e a permanência

Dr. Alysson Tadeu Alves de Oliveira¹

Resumo: Publicado em 2022, *Motivos e razões para matar e morrer* é o sexto livro de ficção do sociólogo Reginaldo Prandi. Dialogando e subvertendo o gênero policial, o autor cria uma narrativa que transita entre o avanço e os limites, que se desenvolve em níveis pessoais e sociais. Este artigo investiga o romance a partir dessa hipótese, na qual, além de trazer essa dinâmica no conteúdo, ela se materializa, como não podia deixar de ser, na forma.

Palavras-chave: literatura brasileira, romance policial, modernização.

1. Graduado em Jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo, tem mestrado e doutorado em Letras pela FFLCH-USP e realiza, na mesma instituição, pesquisa de pós-doutorado sobre a figuração do neoliberalismo na literatura norte-americana contemporânea.

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dr. Alysson Tadeu Alves de Oliveira

Publicado no começo de 2022, *Motivos e razões para matar e morrer* é um romance no qual se estabelece uma relação clara entre o progresso e as permanências, entre a modernização e seus limites. O cenário onde se situa, uma pequena cidade do interior, pode servir como um microcosmo do Brasil tanto do momento da narrativa, nos anos de 1950, quanto no presente. Seu autor, o professor e sociólogo Reginaldo Prandi, faz dessa trama como se levantasse uma redoma de vidro e observasse seus personagens e suas ações.

O protagonista Matheus, um adolescente cujos pais morrem num acidente de carro ainda no começo do livro, funciona como uma espécie de força organizadora da narrativa. Embora o foco não esteja exclusivamente colado nele, tudo parte dele – mesmo quando não está em cena. Os diversos crimes que acontecem agitam a cidade e criam expectativas. A lei é representada pelo delegado-substituto, uma vez que o oficial sempre está fora. Este se mostra com um sujeito pouco idôneo, e ainda menos inteligente.

Além dos avós, um grupo variado de personagens cerca Matheus, da clássica vizinha fofoqueira ao conquistador barato, todos trazem certos elementos típicos para povoar a narrativa que transita entre um drama de costumes com toques

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Entre o progresso e a permanência

cômicos e o policial de investigação – embora esse não seja levado a muito sério pelo delegado-substituto.

O progresso modernizador chega aos poucos na cidade e cadenciando a narrativa. A chegada de novos personagens, vindos da capital, e trazendo também novidades, é, novamente, elemento de suspense dentro de *Motivos e razões para matar e morrer*. Mas para cada passo à frente parece haver algum estanque que impede o avanço – seja num nível pessoal ou coletivo da cidade.

Há um momento-chave no livro que ilustra bem a construção entre a modernização e os seus limites. Acontece mais ou menos no meio da narrativa, quando, finalmente, o local será agraciado com a luz elétrica. Todas as benesses dessa nova tecnologia são levadas em conta pelo narrador – mas também o que acabaria com a chegada dela. As transformações que se davam num nível macro, obviamente, refletiriam na vida pessoal das personagens, mudariam seus costumes:

O Santa Clara mantinha cada dia da semana reservado a um tipo de filme. Os de cowboys do Velho Oeste sempre aos sábados, com reprise na matinê do domingo, por exemplo, e sempre um filme brasileiro às quintas-feiras. [...] O dono do Universo [o novo cinema]

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Dr. Alysson Tadeu Alves de Oliveira

achava essa divisão por dia da semana uma bobagem, e talvez o Santa Clara não sobrevivesse para manter o velho costume. Nem as tabuletas amarradas nos postes de iluminação das principais esquinas, que anunciavam o filme do dia no Santa Clara, seriam usadas pelo Universo. Quem quisesse saber que filme passaria, que fosse espiar os cartazes dispostos na entrada do cinema recém-inaugurado. Ou podia ir para lá direto, sem saber qual era a programação: não importava que dia da semana fosse, seria exibido sempre um filme estuendo, propagandeava o Universo. (PRANDI, p. 175-176)

A partir desse pequeno trecho, podemos iniciar uma investigação formal do romance que traz, em sua essência, o mesmo princípio do conteúdo, estabelecendo uma dinâmica. O narrador não é um personagem em *Motivos e razões para matar e morrer*, mas um fino observador capaz de se distanciar do protagonista, o adolescente Matheus, mas, ao mesmo tempo, está sempre colado nele. Esse narrador em terceira pessoa tem uma vantagem sobre as personagens: é capaz de ver também o futuro. Essa observação exemplar sobre as mudanças nos hábitos da cinefilia local é exemplar no sentido de ilustrar como os avanços, no romance, são também marcados pela estagnação.

O novo cinema, o Universo, abandonaria hábitos que fizeram marca-registrada do antigo, o Santa Clara. Os gêneros

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Entre o progresso e a permanência

cinematográficos não teriam mais os dias da semana específicos para serem exibidos (os filmes de cowboys aos sábados; os nacionais às quintas), mas todo dia haveria um filme estu-
pendo sendo exibido em sua tela. Por outro lado, a nova sala se aproveitaria do antigo costume de anunciar os filmes em cartaz em tabuletas nos postes de luz.

É nessa interação entre os rastros do passado que permanecem no presente que Prandi constrói sua narrativa. Seu romance se aproxima do gênero policial, há crimes e investigações, mas subverte a regra ao descentralizar o assassinato – não há apenas um, e, como se verá até o fim do romance, nem estão conectados – e colocar como “herói” um delegado-substituto, chamado de Bel, que é incapaz de resolver os crimes.

No romance policial, como gênero, há um princípio reacionário que guia a narrativa. O objetivo de toda a investigação é, ao final, reestabelecer a ordem rompida pelo crime. Prandi, em seu livro, ao subverter os princípios básicos do gênero – criando algo que ele mesmo chama de antirromance policial – subverte também essa máxima. Se, ao fim, triunfa, ao menos em parte, o progresso, *Motivos e razões para matar e morrer* se torna um romance de essência progressista, deixando de lado a razão reacionária que o deveria pautar.

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Dr. Alysson Tadeu Alves de Oliveira

Os crimes na trama acontecem da forma mais variada, e o primeiro se dá logo nas primeiras páginas, quando alguém anuncia: “Mataram a Izildinha a facadas.” (PRANDI, 9). A tragédia logo ganha tintas quase cômicas por conta do inusitado que se segue. A personagem fazia o papel da Verônica na procissão da Sexta-Feira Santa. “Mataram uma Santa”, alguém se indigna. “Que santa o quê. Não se fala mal de morto, *mortuus est bonum*, aprendemos na igreja, mas a mulher era uma galinha, ia acabar virando puta”, contradiz outra pessoa. (PRANDI, p. 9-10). Momentos como esse acontecem o tempo todo na narrativa, quando uma fala bem-humorada quebra o clima trágico.

Sociólogo de formação e experiência, Prandi é um observador das personagens e seu palco. Nesse sentido, *Motivos e razões para matar e morrer* pode servir como uma espécie de experimento investigativo. Sua ação se dá às vésperas do golpe militar, que aconteceria uns cinco anos depois do fim da narrativa do livro. Obviamente, nada disso é dado como claro, mas há forças no ar, na maneira como a sociedade local se organiza, que indicam algo por vir. O autor, é óbvio, tem a vantagem histórica de saber o que sucedeu com o país, e assim pode organizar sua história de modo a lançar pistas ou mesmo elementos que viriam a ser decantados meia década depois.

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Entre o progresso e a permanência

“Feliz 1960”, dizem as personagens na página final, numa festa de Ano Novo. O clima de alegria, e até mesmo utopia, será contradito pelo que se avizinha na história do país. Terminar o romance nesse momento é uma maneira utópica de congelar as personagens num momento ainda de alegria e euforia social que se seguiria pelos primeiros anos da década.

Nessa mesma festa, algumas pontas que pudessem soar soltas – especialmente as de suspense e investigação dos crimes – são atadas, tudo é explicado e esclarecido. A ordem reacionária que caracteriza o final dos romances do gênero, quando a vida pré-crime é restabelecida, aqui se dissipa com o tom de esperança de uma década melhor. ■

Em seu estudo sobre Raymond Chandler, o crítico e teórico norte-americano Fredric Jameson aponta que “a função real do crime numa cidade tranquila é para a ordem parecer mais forte” (JAMESON, p. 5, tradução minha). Essa ideia, num primeiro momento, se enquadra perfeitamente neste romance. Como se descobre, ao final, os crimes nem sempre tiveram a mesma origem ou motivações, e as resoluções podem contrariar as expectativas. Ainda assim, os assassinatos visavam mesmo fortalecer a ordem, mas, como este romance é antipolicial, a ordem acaba se dissipando, seja com a mudança

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dr. Alysson Tadeu Alves de Oliveira

de personagens que vão para a outra cidade, ou o estabelecimento de novos outros.

Próximo do final do livro, um dos personagens, o adolecente Caio, tem uma fala reveladora na festa de Fim de Ano:

Dizem que somos uma cidade má, porque matamos um padre, padre que também era mau, porque abusava de garotos, que eram maus. Garotos maus porque suas famílias não os criaram direito, porque as famílias são más. Tudo errado. Eu quero contar a história verdadeira. Quando alguém escrever a história da cidade, não será preciso esconder certos pecados que, de fato, não foram cometidos. E terá que apontar outros. (PRANDI, p. 323-324)

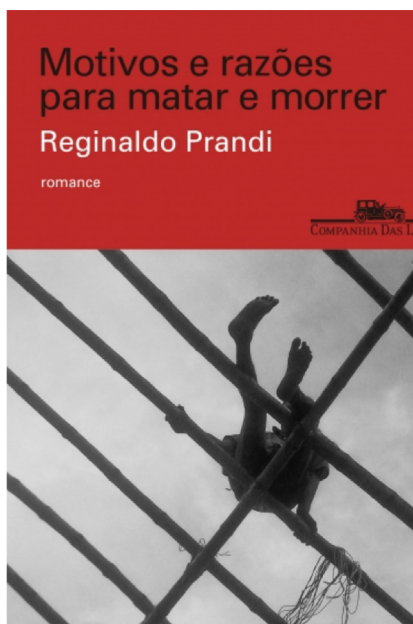
Segue a esse prólogo toda explicação do assassinato do padre local, do qual todos desconfiavam, inclusive os leitores, que era pedófilo e por isso foi morto pelo pai de algum menino possivelmente abusado. Como se verá na exposição do rapaz, que foi coroinha, isso não era verdade. “Em matéria de sexo, o padre era um santo. Eu o considerava um santo. Até o dia em que descobri qual era de fato seu defeito: ele não mexia com os garotos, mas roubava a paróquia.” (PRANDI, p. 325).

Olhar para o passado, nesse romance, permite que o autor figure elementos do nosso presente, avanços, contenções e limi-

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Entre o progresso e a permanência

tes de um projeto de modernização que, muitas vezes, serviram para repor o atraso – ou, ao menos, criar uma estagnação à boa parte da população – fazendo assim a manutenção daquele poder – com alguns momentos de exceção. Ou para usar uma frase famosa de Tomaso di Lampedusa, imortalizada no filme *O Leopardo*: “As coisas precisam mudar para continuar as mesmas.”



Acesse: <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=15070>

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dr. Alysson Tadeu Alves de Oliveira

Referências

JAMESON, Fredric. *Raymond Chandler: The Detections of Totality*. London & New York: Verso, 2016.

PRANDI, Reginaldo. *Motivos e razões para matar e morrer*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

▪